



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PRÁTICAS DE LEITURA: ENTRE ESPAÇOS, AMBIENTES E MEIOS

Bruno Santos Melo; Jailma da Costa Ferreira; Risonilson Evaristo de Lima

Universidade Estadual da Paraíba; bsantasmelo@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba; jailma.jdf@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba; risonilsoncgpb@hotmail.com

RESUMO

A proposta deste trabalho tem como objetivo refletir sobre as práticas de leituras no ambiente escolar e fora dele. Através de uma pesquisa quantitativa procura-se evidenciar como essa prática tem sido vivenciada por estudantes do ensino médio de escolas públicas da cidade de Campina Grande no estado da Paraíba. Embora a formação do leitor seja uma das principais tarefas da escola, essa é uma realidade que ainda está muito escassa no ambiente escolar. Muitas vezes a escola não está focada na formação de leitores, buscando ênfases em outras áreas do conhecimento que estão longe da realidade de seus alunos. Para fundamentar essas discussões recorreu-se às contribuições de Certau (2001), Manguel (1997), Pietri (2007), entre outros.

Palavras chaves: Leitura, Escola, Sociedade.

INTRODUÇÃO

As práticas de leitura são fundamentais no contexto do ambiente escolar, o incentivo a leitura deve ser responsabilidade primeira da família e depois da escola. Entretanto, a instituição familiar nem sempre conta com uma estrutura que propicie a formação leitora, neste sentido é responsabilidade da escola cumprir essa tarefa, permitindo assim, que seu aluno tenha contato com esse bem cultural que é tão necessário para sua formação como cidadão. Como aponta Pietri (2007):

Se, de modo geral, a escola é a principal agência de letramento numa sociedade complexa como a nossa, muitas vezes, em nossa mesma sociedade, ela representa a única agência de letramento, a única possibilidade para determinadas comunidades de terem acesso aos bens sociais e culturais mais valorizados socialmente numa sociedade letrada, aqueles cuja produção se fundamenta na escrita. (PIETRI, 2007, p.11)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É dever da escola não somente alfabetizar as crianças, mas, sobretudo, incentivá-las a práticas de leitura. Pois, ler é um processo que precisa de incentivo e encantamento, cabe ao professor ser esse incentivador que leva seu aluno a encantar-se pela leitura. As escolas brasileiras muito têm falhado na formação de leitores, muitas vezes os alunos entram e saem da escola sem que o gosto pela leitura tenha sido despertado. Antunes (2009, p. 204) aponta que: “Não deveria parecer estranho nem *perda de tempo* que a escola destinasse grande parte de seus horários à leitura. A escola é lugar de leitura.” Entretanto, essa realidade tem sido muitas vezes esquecida ou camuflada pela instituição escolar, é necessário que as instituições de ensino estejam mais comprometidas na formação de leitores.

É lamentável que a escola ainda não tenha assumido esse papel de maneira mais empenhada, ela permanece no superficialismo das ações leitoras, não há aprofundamento no incentivo à leitura. Percebe-se que alguns educadores ainda não desempenharam seu papel de incentivador de práticas leitoras, ficando, muitas vezes, para o aluno a responsabilidade individual de se tornar um leitor assíduo ou não. Aqueles estudantes que cresceram em um ambiente letrado, que a família incentiva a prática leitora têm maior possibilidade, contudo aqueles que não cresceram em um ambiente assim de certa forma ficam prejudicados e são, ainda mais, dependentes da escola.

Para que haja o incentivo a leitura o professor precisa adotar métodos, recorrer a meios que possibilitem o contato do aluno com o universo livresco, é importante também que o professor proporcione o contato com os textos literários e também com aqueles textos que fazem parte do mundo de seus alunos. Os recursos tecnológicos são meios que muito podem facilitar o acesso e também podem auxiliar no incentivo a práticas leitoras, tendo em vista o espaço lúdico e dinâmico que oferecem.

Portanto, formar o leitor é um desafio que precisa de empenho e dedicação, para que haja uma maior eficácia na formação de leitores é preciso um trabalho em conjunto que envolva a instituição familiar e escolar, que envolva pais, professores e alunos, para



que assim possam criar, cada um a partir de suas competências, ambientes e meios que favoreçam o ensino e a aprendizagem nesse percurso da formação leitora.

METODOLOGIA

Neste estudo, quanto ao procedimento, optou-se pela pesquisa bibliográfica, pois é feito a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos. Quanto à abordagem, escolheu-se a pesquisa quantitativa, sendo compreendida pelos autores deste trabalho como sendo a melhor indicada e de acordo com o objeto de estudo, no seu percurso metodológico. Foi repassado um questionário online contendo sete perguntas de fácil compreensão a dez alunos do ensino médio, sendo uma aluna da rede privada e os outros nove da rede pública de ensino, de faixas etárias entre 14 e 18 anos, do 1º ao 3º ano acerca do processo de leitura e metodologia utilizada por parte do educador frente aos desafios que traz essa prática. Vale salientar que das sete perguntas, três foram subtópicos das principais, e portanto, tomamos as quatro principais como meio de análise, representando-as graficamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ler, em um primeiro momento é decifrar signos para chegar à compreensão dos sinais que estão registrados em um determinado suporte, esse é o primeiro momento no processo de aprendizagem da leitura, é o que se chama de codificação. Manguel (1997) considera a importância desse primeiro momento, pois sem ele o “futuro leitor” não chegaria a desenvolver as demais aptidões. Ler não é uma tarefa simples, esse processo que se inicia com o reconhecimento de signos estende-se de forma ilimitada ou até onde o leitor se permita ir.

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler (MANGUEL, 1997. p.85).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

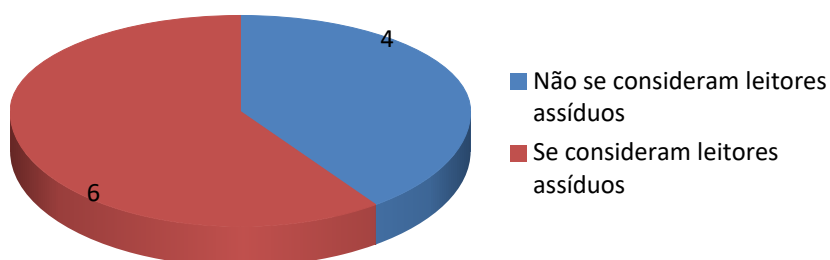
O termo leitura nos remete à uma série de práticas que precisam ser desenvolvidas ao longo do processo escolar, mas também pode e deve ser iniciado através do meio familiar. Decodificar signos é apenas um passo para o processo da leitura, no qual muitos outros serão necessários para construir um leitor. A leitura exige, além da decodificação, interação e interpretação. O processo de aprendizagem da leitura requer uso de métodos, que nem sempre são bem aplicados, para aprender a ler é preciso traçar metas e caminhos eficientes a fim de se obter êxito. Na metade do século XV os métodos usados pelas escolas de latim era o da tradição escolástica, até o século XVI era esse o método que predominava nas universidades e escolas paroquiais.

O método escolástico consistia em pouco mais do que treinar o estudante a considerar um texto de acordo com certos critérios preestabelecidos e oficialmente aprovados, os quais eram inculcados neles às custas de muito trabalho e sofrimento. No que se refere ao ensino da leitura, o sucesso dependia mais da perseverança do aluno que de sua inteligência (MANGUEL, 1997. p.92).

É lamentável percebermos que tais métodos ainda continuam de forma camuflada nas nossas escolas, é evidente que muito já se avançou, mas ainda estamos presos a velhas metodologias de ensino. As práticas de ensino a leitura tem estado preso a decodificação, o processo de decodificação é muito importante para a aprendizagem da leitura num primeiro momento, mas a escola não pode nem deve se limitar apenas a esse processo, há uma riqueza muito grande que deve ser desenvolvida ao longo do processo de ensino da leitura. Decodificar é necessário, mas não é o suficiente. Ao analisar

as
respostas
dadas
pelos
alunos,

Assiduidade de leitura





sempre lembrando que são alunos do ensino médio e adolescentes, observa-se o seguinte balanço no que diz respeito à assiduidade da leitura:

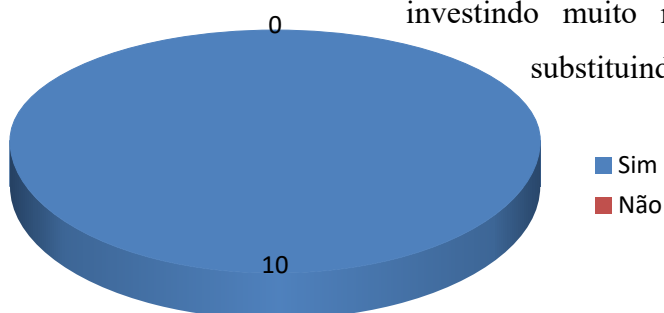
Essa é uma realidade enfrentada pela grande maioria dos professores não só de Língua Portuguesa, mas pelos de todas as disciplinas, tendo em vista que dentre os dez alunos, os seis que responderam que são leitores assíduos, apenas dois leem com frequência, e aqui pode-se estabelecer um questionamento: se oito dizem ser leitores assíduos, por que apenas dois mantêm a prática cotidianamente? Eles não faltaram com a verdade, pois estamos presos à velhas práticas, nas quais, é deixado de lado o mundo virtual que a cada dia engloba mais e mais os jovens.

Ler é uma prática que precisa ser incentivada e dinamizada e, a escola tem esse papel fundamental, visto que nem todos têm uma família estruturada que possa passar para os filhos a importância, a necessidade e o contato com essa prática. A leitura deve ser desenvolvida como prática prazerosa, mas por muito tempo ler era apenas um reconhecimento de signos, não se lia para construir conhecimento, nem tão pouco por prazer. Talvez, esse tenha sido o motivo de a leitura tenha entrado nas aulas apenas

“quando sobrar tempo”, criando uma monotonia e

Você está lendo algum livro ultimamente? entediando, por assim dizer, os alunos.

Contudo, isso está mudando, as editoras vêm investindo muito na nova geração, que aos poucos está substituindo a tela pelo impresso, um exemplo disso é





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

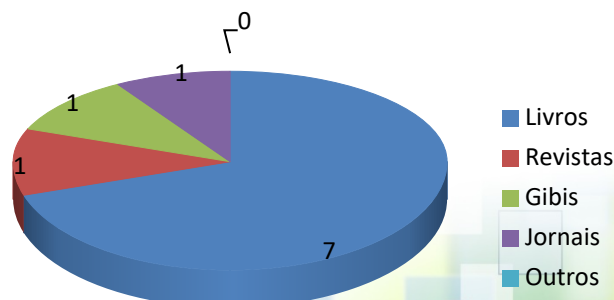
os *best-sellers*, os quais têm suas frases decoradas na cabeça e nos *status* das redes sociais. Isso é um ponto positivo, inclusive, em nossa pesquisa, foi perceptível o interesse dos alunos pela “leitura física”, e que, de dez alunos entrevistados, independentemente de se declararem leitores assíduos ou não, todos eles estão lendo um livro ultimamente:

A leitura enriquece o indivíduo que se apropria dela com novos acontecimentos, amadurece nas ideias que já existem, faz perceber o mundo além do que sempre se tem enxergado. Para Certau (2011, p. 245) “o leitor é produtor de jardins que miniaturizam e congregam um mundo”. O autor define o leitor como um caçador ou um jogador, ora está em busca de novas descobertas ora está preso a elas.

Ora efetivamente, como o caçador na floresta, ele tem o escrito à vista, descobre uma pista, ri, faz “golpes”, ou então, como jogador, deixa-se prender aí. Ora perde aí as seguranças fictícias da realidade: suas fugas o exilam das certezas que colocam o eu no tabuleiro social. *Quem lê com efeito? Sou eu ou o quê de mim?* (CERTAU, 2011, p.245)

O texto, dessa forma, não é mais autônomo, mas passa a ser construída pelo leitor. O sentido da escrita não está nela em si, mas é seu leitor quem construirá, caçando pistas e pontos estratégicos para sua leitura. “A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.”

O que você mais gosta de ler?





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(CHARTIER, 1998, p.16). Ela se torna ainda mais produtiva quando acontece essa interação entre texto e leitor.

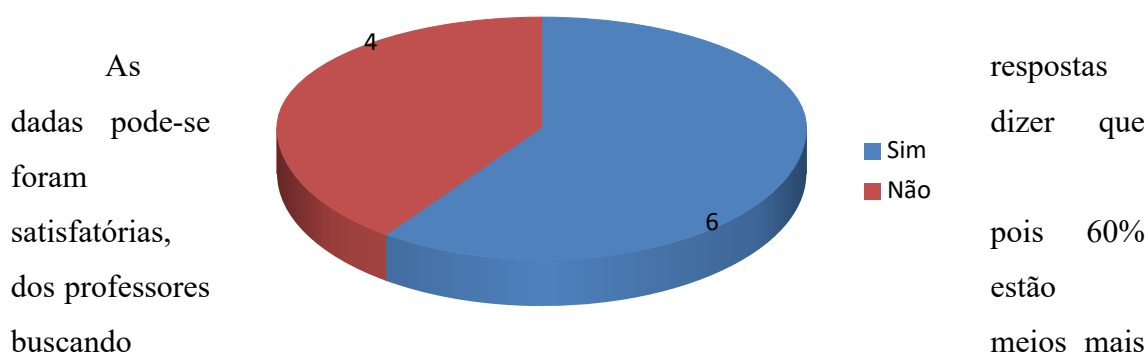
Existem inúmeras maneiras de se ler, mas a leitura mais eficaz é aquela que permite ao leitor construir suas próprias percepções a cerca do texto lido. O leitor será capaz de entender a proposta do autor do texto e de ser crítico em relação a ela. Será livre para concordar ou discordar, a partir do momento que houver uma compreensão plena do que foi dito no texto, daí a importância dessa relação autor-texto-leitor.

Cabe ao professor, enquanto mediador do saber, promover esse encontro entre aluno e autor, através do incentivo à leitura, novos métodos dessa prática, adequações aos alunos, pois cada pessoa traz consigo um conhecimento de mundo distinto, o que acarreta, em muitas das vezes, um desencontro com um trabalho que o professor viesse a fazer.

São inúmeras as possibilidades que a leitura propõe à aula de Língua Portuguesa, principalmente, mas, infelizmente, o que parece é que alguns educadores estatizaram e não conseguem se adequar à essas novas práticas que surgem a cada dia mais e mais, a exemplo, a leitura digital, que para alguns, poderia não ser tão prazeroso quanto ler um livro físico, como foi observado, mas funcionaria com a maioria, com certeza, e quando questionados se o professor usa algum recurso tecnológico em sala, essa foi a resposta:



Seu professor faz uso de algum recurso tecnológico nas aulas de Literatura?



As
dadas pode-se
foram
satisfatórias,
dos professores
buscando

respostas
dizer que
pois 60%
estão
meios mais

atrativos para chamar a atenção de seus alunos para essa prática que até então, talvez não fosse tão prazerosa para os alunos. Contudo, é importante ressaltar que não basta o uso de recursos tecnológicos é preciso que haja uma formação adequada para que esses recursos possam, verdadeiramente, auxiliar no ensino e aprendizagem. No entanto, esta é uma questão que não será discutida neste trabalho, tendo em vista que seu foco esteve em compreender, a partir dos dados analisados, como estão às práticas de leitura no espaço escolar e fora dele.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A prática de leitura é uma tarefa que não compete apenas a escola, mas também a família. É preciso que todos estejam engajados e comprometidos na formação de leitores proficientes. Como destaca Pietri (2007, p. 11):

A leitura é uma prática social escolarizada, isto é, numa sociedade como a nossa, as pessoas consideram que uma das funções da instituição escolar é ensinar a ler. Porém, a leitura não é uma prática escolar: uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido à escola, ou, mesmo quem tenha aprendido a ler na escola, pode desenvolver habilidades de leituras diferentes daquelas que a escola lhe apresentou, e ler textos pertencentes a gêneros com os quais não teve contato em contexto escolar.

Dessa forma, pode-se afirmar que as práticas de leitura estão para além do espaço escolar, todo e qualquer ambiente pode se tornar espaço de leitura, entretanto, é preciso, primeiramente, que haja práticas incentivadoras e esse incentivo deve partir também da escola, mas não somente. Os diversos ambientes sociais permitem que as pessoas estejam sempre em contato com o universo letrado, assim sendo, estão sempre em contato com múltiplos gêneros, podendo ampliar, cada vez mais, seus conhecimentos e desenvolver suas habilidades leitoras. Dentro deste contexto é de fundamental importância que todos sejam incentivadores e motivadores, visando ampliar e desenvolver com maior aptidão o gosto pela leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores.

CONCLUSÕES

Como já fora dito no decorrer do trabalho, o desenvolvimento da prática leitora se dá através de um processo, no qual o professor é indispensável, porém, não o suficiente, já que os alunos passam a maior parte do dia em família, deve partir, primordialmente daí o incentivo pela leitura, mas somos sabedores que nossa realidade brasileira está longe disso, pois vemos que as crianças – na maioria das vezes – só vai ter um primeiro contato com o universo das letras ao chegar na escola, e que, durante anos, faz uso da prática de leitura apenas para decodificação, não podendo, muitas



vezes, falar sua interpretação de um texto após a leitura. É nesse ponto crucial que entra a missão socializadora da leitura, pois o mundo gira em torno de signos, os quais serão indecifráveis àqueles que não buscam o domínio da prática leitora fluentemente, pois como já dito, não basta apenas a decodificação, ela é apenas um primeiro passo para o universo gigantesco que a leitura nos proporciona.

Como foi perceptível na pesquisa, a realidade das escolas públicas felizmente vem mudando, aos poucos, mas já é um avanço, e sem dúvidas, o mundo virtual tem sido um grande meio democratizador da leitura, levando-a aos quatro cantos do mundo, revolucionando – pode-se assim dizer – as realidades de milhares de pessoas, como por exemplo, aquelas que foram alfabetizadas virtualmente, por interesse, ou por necessidade de estar conectado a esse “multi-mundo” que é a internet, vê-se que a prática de leitura é indissociável de nossa sociedade, que durante muitos séculos, teve esse direito proibido, pois havia certo temor por parte dos “grandes homens” de que o povo tomasse consciência de seus direitos, pois a leitura tem o poder de libertação, liberta da ignorância e de obrigações impostas por falta de conhecimento.

O professor, se souber fazer uso dos novos meios tecnológicos para dinamizar suas aulas de Língua Portuguesa, com toda certeza vai de encontro aos interesses da grande maioria de seus alunos, pois é um tanto incomum não vermos em mão ou bolsos do alunado um celular ou tablet, os quais possibilitam instalações de inúmeros *softwares* que podem auxiliar e fazer com que os alunos que ainda não têm a prática de leitura, tomem gosto pela mesma, já que o “suporte” a ser utilizado será objetos do cotidiano deles, podendo assim, usá-los como aliados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: **A invenção do cotidiano**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. P.236-248

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Tradução Mary Del Priore. P.11-27.

MANGUEL, Alberto. O aprendizado da leitura. In: **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Tradução Pedro Maia Soares. p.85-103.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.